



ENTREVISTA | RAFAELA PIMENTA

Brasileira de 53 anos é a responsável por empresariar Erling Haaland, carrasco do Brasil na Copa do Mundo de 2026, mas que conquistou a simpatia do país

Quem aponta os caminhos

PEDRO BUENO
ENVIADO ESPECIAL

Miami — Da sala de aula até o posto de empresária da sensação da Copa do Mundo de 2026. A brasileira Rafaela Pimenta escreve uma bela história nos bastidores do futebol há três décadas. De forma atenciosa, a empresária de 53 anos recebeu os **Diários Associados** em uma agradável conversa para tratar de muitos assuntos, mas com um foco principal: Erling Haaland. Autor de dois gols na classificação sobre o Brasil, o atacante se tornou o xodó dos torcedores nas últimas semanas e vive um boom na carreira. Só que este momento foi totalmente esperado. Pelo menos foi isso que a própria agente atestou.

Rafaela Pimenta cuida da carreira de Haaland desde os primeiros passos. Em 2018, ela participou da saída do centroavante do Molde, time da Noruega, rumo ao RB Salzburg, da Áustria, e está inserida diretamente no dia a dia do autor de sete gols no Mundial de 2026. Embora eliminado no sábado — a derrota por 2 a 1 para a Inglaterra encerrou o conto de fadas —, o jogador de 25 anos deu o cartão de visitas na Copa, com a média de 1,4 bolas na rede por partida, e comandou a seleção norueguesa para a melhor campanha da história, com direito a vitória por 2 x 1 sobre o Brasil nas oitavas de final.

Esse jogo em 5 de julho foi bem marcante para a empresária paulista, que vive na Europa desde o fim do século passado. Foi nessa época, três décadas atrás, que Rafaela deixou a sala de aula da Universidade de São Paulo (USP) e embarcou de vez no futebol, tendo Pavel Nedved, tcheco Bola de Ouro em 2003 pela Juventus, como o primeiro cliente. Atualmente, a advogada que fala oito idiomas diferentes tem a própria empresa e agência, além de Haaland, promissores atletas como Gilberto Mora, que disputou a Copa do Mundo aos 17 anos pelo México.

Mas como é esse dia a dia com Haaland? Como o atacante do Manchester City vê a euforia que se criou — principalmente no Brasil? E como esse fenômeno dentro e fora de campo foi construído? Algumas dessas perguntas foram respondidas por Rafaela Pimenta em uma conversa agradável e tranquila da reportagem com uma das 50 mulheres com mais de 50 anos com maior influência no mundo em 2025, segundo a Forbes, tendo sido a única representante do futebol nessa lista.

Como você migrou da sala de aula para o mundo do futebol?

Tinha o sonho de ser uma embaixadora, diplomata da ONU, e fiz direito. Quando menos esperava, estava dando aula, e, para atrair meus alunos para a sala de aula, criei alguns temas de futebol e de direito esportivo para falar com eles. Com isso vieram oportunidades profissionais na área, clientes e até iniciei um clube: o Guaratinguetá (time paulista que chegou a disputar a Série B do Campeonato

Pedro Bueno/EM/D.A. Press



Rafaela Pimenta, a brasileira empresária do fenômeno Erling Haaland, abriu o jogo sobre a relação com o craque em entrevista exclusiva

Brasileiro). E o resto foi história.

O quanto acompanhou a profissionalização do mundo do futebol?

Não existia uma estrutura da agência esportiva como a gente vê hoje. Simplesmente não existia, não só ali, como em lugar nenhum. Eu vinha de uma ideia jurídica, organizacional, que no futebol não usava. Aí comecei minha aventura constituindo essa empresa que não existia e ali se passaram 30 anos que eu nem vi, passou voando. Começamos a levar brasileiros, meninos para a Europa, num modelo que hoje é muito comum, mas na época não era. O negócio foi se desenvolvendo e, quando vimos, estávamos completamente dentro, não pensava em outra coisa. O sonho de ONU já tinha ido embora e o final é que hoje a gente está aqui ainda com esse 'trem' andando como começou lá atrás.

Quando conheceu o Haaland?

Faz uns sete ou oito anos, desde a transferência para o RB Salzburg. É uma aventura que começa muito mais com o pai (Alf Inge Haaland, ex-jogador), porque ele era muito mais menino. O relacionamento, aos poucos, foi se transferindo para o jovem que vai se tornando um adulto e tomando suas próprias decisões. Tenho muita satisfação de dizer que nessas decisões a escolha foi se mantendo e aqui estamos.

Ele foi a grande sensação da Copa do Mundo. Vocês foram surpreendidos com isso?

Já esperávamos. Trabalhamos para isso, montamos isso, e eu não tinha a menor dúvida que isso ia acontecer. Posso falar porque, se ele falasse, talvez até seria arrogante, e eu imagino que ele não te daria a mesma resposta, mas eu tenho 30 anos

AFF



Haaland conta com o apoio de uma brasileira nos bastidores do futebol

de carreira, e, quando você vê Copa do Mundo, Estados Unidos, berço do entretenimento, perfil físico, psicológico e técnico que ele tem, só estava faltando mesmo a plataforma, o palco. O palco é aqui (a Copa do Mundo). A hora em que ele chegou nesse palco só podia acontecer isso.

Como o Haaland reagiu à euforia, principalmente do Brasil, com as atuações no Mundial?

As pessoas têm me perguntado: 'Ele sabe o que tá acontecendo no Brasil? Ele sabe que se tornou um querido? Ele sabe que ele é o nosso malvado favorito?'. Sim, ele sabe que ele é o malvado favorito. Ele sabe que daqui a pouco ele tem que andar com minions. Ele sabe tudo que está acontecendo. Ele sabe que as pessoas acordam e levam um susto a hora que vê a cara dele ali. Uma coisa que ele disse para mim foi: 'Mas quantos memes do Brasil você vai me mandar? Eu não aguento mais (risos)'. Mas não teve susto, não existe porque ter susto

com isso. Eu acho que a gente tem só que ficar feliz, lisonjeado, levar na brincadeira, curtir, que eu acho que é o que está acontecendo.

A euforia também é gerada pelo comportamento de Haaland. De frente às câmeras, ele sempre se porta de uma forma muito educada e dócil. O staff de vocês é responsável por isso?

A gente não faz nenhum treinamento de mídia. No caso de jogador de futebol, acho que treinamento de mídia é válido até a página 2. Ensinaamos algumas coisas, falamos 'isso não se faz', 'isso se faz', mas não existe neste nível de jogador, com essa idade, você estar falando para a pessoa o que falar e o que não falar. Não tem sentido. Primeiro: é um homem dessa idade que já tem posições e convicções. E, segundo, porque seria um teatro. Como eu costumo dizer, não controlo todo o acesso de mídia que existe a um jogador, que está exposto à mídia todo o tempo após o jogo. Não só isso: ele se manifesta em campo da maneira

mais espontânea possível. Então, se a gente cria um personagem na mídia social que não é não é compatível com a realidade, você vai ver isso em dois jogos. Na hora que o cara tiver no auge da emoção, vai sair outra pessoa ali. E não é o que acontece, porque o Haaland é o que você está vendo em campo, na coletiva, na mídia social. Isso é o que existe ali: muito bom senso e o instinto natural para comunicação, sem dúvida.

A euforia sobre ele está rendendo até homenagens, como os 593 bebês peruanos registrados com o nome do atacante desde o início da Copa. Como você vê esse carinho?

Isso vai ocorrer. Se a gente se lembrar da época em que o Maradona jogou no Napoli, tem um monte de italiano que se chama Maradona. Eu lembro uma vez que encontrei a mãe do Maicon (ex-lateral de Cruzeiro, Seleção e Inter de Milão), e ela me falou: 'Meu filho se chama Maicon Douglas por causa do artista (o ator Michael Douglas)'. Então, eu acho que é uma questão de tempo para isso acontecer. Encorajo a galera a chamar o filho de Erling Haaland, por que não?

O próprio Haaland ia gostar?

Não tenho a menor ideia [risos], mas eu ia achar o máximo.

E as redes sociais? Ele é bem ativo. Como vocês fazem?

Tudo que você vê vem dele. A execução vem de mim. Porque não existe você querer que um jogador execute um canal de YouTube. É de uma falta de noção absurda imaginar que isso seria possível. Agora, você tem que lembrar que aquilo é um reflexo de um conteúdo. O conteúdo vem dele, da espontaneidade dele. Quando uma mulher no hotel

da Noruega pergunta: 'Me disseram que aqui tem um jogador, é você?' e ele fala que 'não, eu não sou jogador, eu sou o cameraman', ninguém falou que era para ele falar isso. É o jeito do cara. O vídeo que ele mostra o cara que está o filmando — que foi ótimo — ninguém disse para ele fazer isso. É uma ideia dele. Então, a gente simplesmente executa o que é aquela massa bruta.

O duelo entre Brasil e Noruega, claramente, dividiu o seu coração. O que ele te falou após aquela atuação impressionante?

Isso aí vou guardar para mim, para minhas memórias. Mas foi um jogo muito emocionante para todo mundo, para mim, para todos nós brasileiros, para os noruegueses e, obviamente, para ele. Não só pela simbologia que o jogo carrega e carregava perante os noruegueses, mas por tudo que o Brasil, os jogadores brasileiros, representa para ele jogar contra esses brasileiros. Um comentário que eu vou fazer é sobre o post pós-jogo. Ele fez questão de colocar uma foto dele com o Vini Jr. e uma foto dele com o Neymar. Eu não encontrava uma foto boa dele com o Neymar, tanto que a foto do post é horrorosa, porque não dá nem para ver que é o Neymar, ainda puxei a foto para frente, fiz o que eu pude ali. A foto não está boa, não é uma foto que em geral você posta, porque o Neymar está de costas, então dá para ver, mas não tinha outra e ele fez questão absoluta de postar. Então, eu diria que isso tem uma grande representatividade do quanto ele respeita esse jogo.

O carinho pelo Brasil ainda vai ganhar outros capítulos? Haaland vai visitar o país? Ele conhece nosso futebol?

Levar para o Brasil de férias, eu tenho certeza que eu vou levar. Não agora, mas eu não vou sossegar enquanto Erling não conhecer Trancoso. Não podemos passar uma vida sem conhecer Trancoso. Meta. No futebol, eu continuo dizendo, apesar da resposta clássica 'tudo é possível', não se fala de outro clube quando o jogador está em um. Mas é impossível um jogador de alto nível não conhecer os times brasileiros. Não existe a menor possibilidade. Você pode perguntar para qualquer menino que joga futebol, ele conhece os times brasileiros, porque o Brasil é referência, é aquele imaginário coletivo do que é legal no futebol. Então é óbvio que conhece. Com o PlayStation, então, todo mundo conhece mais ainda.

O nome dele é repercutido no Real Madrid, apesar do contrato até 2034 com o City. Como você vê essas especulações?

Eu acho de uma falta de gosto, classe, bom senso você estar num clube e o seu procurador estar falando com outro clube. Eu sei que o pessoal gosta, acha uma fofura, divertidíssimo. Eu acho péssimo. Se eu sou o clube que tem o jogador, e eu ia olhar para aquilo e falar: 'Que isso?' Então, não é uma boa possibilidade.

DRIBLE DE CORPO
NA COPA

MARCOS PAULO LIMA



Brasil é o 25º de 48 em dribles certos!

O tempo deu razão à crítica feita pelo vanguardista Vanderlei Luxemburgo há oito anos



Nova Jersey — Uma semana depois da eliminação do Brasil nas oitavas de final contra a Noruega no último dia 5, um dado assustador fere a essência da única escola pentacampeã da Copa do Mundo: a Seleção ocupa o 25º lugar entre 48 países no ranking dos dribles certos nesta edição disputada no Canadá, nos Estados Unidos e no México.

Sim, você leu certo. O país do Mané Garrincha, do drible de corpo do Pelé no goleiro uruguaio Ladislao Mazurkiewicz em 1970, do Denílson contra uma legião de

marcadores turcos nas semifinais de 2002, das pedaladas de Robinho em 2010, da finta de Ronaldo contra Gana antes de se tornar parcialmente o maior artilheiro das Copas em 2006 e do malabarista Ronaldinho Gaúcho desapareceu a maior das nossas artes do improviso.

O Brasil se despediu da Copa do Mundo com média de 7,2 dribles certos por partida. É difícil até puxar pela memória uma finta inescrivível protagonizada pelos comandados de Carlo Ancelotti. Lembro da arrancada do Vinicius Junior

contra o Japão na fase de 16 avos. Estaríamos falando até hoje do gol mais bonito da Copa se o goleiro Suzuki não evitasse.

A Costa do Marfim é a seleção mais dribladora da Copa com média de 12,2. Sabe quem aparece em segundo lugar? Os Estados Unidos com 12. Na sequência, Argélia, Austrália, Cucação, Marrocos, Jordânia, Bélgica, França, Portugal, Cabo Verde, Inglaterra, Alemanha, Egito, Senegal, Turquia, Iraque, Coreia do Sul, Panamá, Paraguai, Suíça, Argentina, Uruguai e a Croácia. Acredite se quiser.

O slogan do lançamento da camisa da Seleção antes da Copa dizia: "Alegria que apavora". Esse dado específico sobre os dribles é uma "Tristeza que apavora". A melhor ilustração dessa crise sem precedentes é o gol desperdiçado por Endrick depois do lançamento magistral de Vinicius Junior no segundo tempo. O brasileiro poderia ter driblado Nyland.

A Copa teve 48 seleções pela primeira vez. A Seleção está no meio do ranking. Inadmissível. Se serve de consolo, a semifinalista Espanha

está atrás do Brasil. Concorrentes tradicionais como a Holanda, famosa justamente pelos pontos dribladores, está muito aquém do Brasil.

Lembro-me de uma entrevista que fiz com Vanderlei Luxemburgo em março de 2018, três meses antes da Copa da Rússia. Ele alertou há oito anos no bate-papo com o Correio:

"Tirando o Neymar, que é diferenciado, qual jogador brasileiro, hoje, dribla? Quem limpa a frente, faz alguma jogada de efeito e mete na cara do gol? As pessoas batem muito em sistema tático, mas falta

jogador", criticou.

De vanguarda, como gosta de se autointitular, Vanderlei Luxemburgo tinha razão e alertou: "Não temos que imitar o futebol europeu. O que nós temos de diferente, eles não têm, que é o drible, a mudança de direção. Jogador brasileiro precisa, sim, de responsabilidade tática, mas sem prostituir as nossas características. Não podemos virar times de robôs". Lamento informar: viramos. As estatísticas da Copa não mentem. Você tem razão, pofexô.